

Reflexões sobre a alternância locativa no português

*Lígia Maia
Faculdade de Letras do Porto*

1. Introdução

Paralelamente à noção de tempo, a noção de espaço é indispensável ao homem e à sua orientação no mundo. A noção de espaço é acessível ao homem através das potencialidades representativas da língua. Cabe ao linguista tentar explicar os parâmetros de organização do espaço e verificar em que medida esses parâmetros determinam a sua expressão nas línguas naturais.

A língua coloca à nossa disposição diversas categorias lexicais para exprimir a noção de espaço, quer no seu sentido estático, posicional, quer no seu sentido dinâmico, movimento ou deslocação de um lugar para outro.

Por esta razão, o estudo linguístico do movimento e da localização não é compatível apenas com o estudo de uma classe particular, mas assenta na relação que une os diversos elementos de uma frase. Neste texto, ocupar-nos-emos de um grupo específico de verbos de movimento: os verbos de alternância locativa.

2. Verbos de alternância locativa em português

À semelhança dos verbos de movimento, estes verbos seleccionam um sintagma preposicional, como em (1a), mas admitem uma construção alternativa, também com preposição, tal como exemplificamos em (1b):

(1) a. O João carregou o trigo no camião.

b. O João carregou o camião com/de trigo.

A alternância consiste, por isso, na existência paralela de pares de frases com o mesmo verbo, com significado muito próximo, podendo falar-se de uma relação de paráfrase ou de quase-paráfrase, mas com ordem de palavras e preposições distintas.

Em Português, estes verbos restringem-se a dois grupos:
– verbos de distribuição, como *carregar, barrar, borrifar*.
– verbos de fixação, como *plantar, semear, estampar, gravar, imprimir, inscrever, pintar*.

3. Principais propriedades dos verbos de alternância locativa

3.1. Transitividade

A primeira propriedade destes verbos diz respeito à transitividade. Em termos categoriais, constata-se que fazem parte da sua grelha de subcategorização, um SN e um SP. Em esquema, a grelha de subcategorização apresenta o formato em (2):

(2) carregar: SN [_{sv} SN SP]

3.2. Agentividade / Causatividade

As propriedades de Agentividade e Causatividade, que caracterizam igualmente estes verbos, consistem no facto de possuírem um argumento externo Agente ou Causa que é responsável pela mudança de lugar ou de estado, como é possível verificar pelo facto de admitirem advérbios do tipo *voluntariamente, intencionalmente*, como em (3):

(3) a. O João plantou as flores no jardim voluntariamente / intencionalmente.

b. O João plantou o jardim com as flores voluntariamente / intencionalmente.

3.3. Diferença de significado

Uma terceira propriedade dos verbos de alternância locativa relaciona-se com a diferença de significado aspectual verificada entre cada uma das frases envolvidas.

Retomemos os exemplos de (1):

(1) a. O João carregou o trigo no camião.

b. O João carregou o camião com/de trigo.

Ambas parecem descrever uma entidade que é mudada de lugar por meio da acção de um Agente. Mas, na verdade, a frase (1a.) descreve uma mudança de lugar marcada pela preposição em e a frase (1b.) uma mudança de estado, como tem sido observado em bibliografia sobre esta questão.

Em consequência desta diferença aspectual a frase (1a.) recebe uma interpretação parcial, pois dizer que “A Maria carregou o trigo no *camião*” não permite concluir que o *camião* ficou cheio. A frase (1b.), pelo contrário, recebe uma interpretação holística ou télica, (Rigau, 1989). “A Maria carregou o *camião com trigo*”, significa que o *camião* ficou repleto. A construção não locativa transmite a ideia de *completude* da acção denotada pelo verbo. Esta conclusão fundamenta-se nos testes que apresentamos em (4) e (5):

(4) a. O João plantou as flores no jardim mas este não ficou todo plantado.

b. O João plantou o jardim com flores *mas este não ficou todo plantado.

(5) a. A Maria borrifou alguma (uma porção de) água na roupa mas não borrifou a roupa toda.

b. A Maria borrifou a roupa com alguma (uma porção de) água *mas não borrifou a roupa toda.

As frases (4a) e (5a) permitem corroborar a ideia de interpretação parcial referida anteriormente. Nestes exemplos, exprime-se a ideia de que o João e a Maria realizaram as acções expressas pelo verbo mas não as concluíram necessariamente, o que é reforçado pela oração introduzida pela conjunção adversativa.

Por sua vez, as frases (4b) e (5b) tornam-se agramaticais com a mesma oração adversativa pois esta é semanticamente contraditória relativamente à ideia expressa pelo verbo em conjunto com a preposição com. A oração adversativa expressa a incompletude da acção enquanto a frase principal aponta para a consecução total e completa da acção denotada pelo verbo.¹

Os verbos de alternância locativa são eventivos. Contudo, como vamos mostrar, nas frases com a variante locativa exprime-se preferencialmente um processo durativo, mas não necessariamente culminado (Moens 87). Nas frases com a preposição com, pelo contrário, os verbos exprimem um processo culminado. Para chegarmos a estas conclusões efectuámos o teste clássico proposto em Dowty 79, com a inclusão de ad-

¹ Tenny refere que a leitura holística é a mais adequada, embora não seja a única possível.

vérbios de tempo com valor durativo e de medida de tempo. Vejam-se os exemplos (6) e (7):

- (6) a. O João plantou flores no jardim *numa hora / durante uma hora.
b. O João plantou as flores no jardim numa hora / durante uma hora.
c. O João plantou o jardim com flores numa hora / * durante uma hora.
d. ??O João plantou jardins com flores numa hora / durante uma hora.
- (7) a. O João semeou trigo no campo *numa hora / durante uma hora.
b. O João semeou o trigo no campo numa hora / durante uma hora.
c. O João semeou o campo com trigo numa hora/ * durante uma hora.
d. ??O João semeou campos com trigo numa hora / durante uma hora.

As frases de (6a) e (7a) permitem demonstrar que as variantes com preposição locativa, se seguidas de “bare plural” ou nome massivo como objecto directo, só admitem advérbios de tempo durativo; quando esse objecto é precedido por uma expressão definida são aceitáveis advérbios de tipo durativo e de medida de tempo. Mas na nossa opinião a interpretação locativa é sempre mais natural com «bare plural» ou nome massivo. Quer dizer, a construção locativa, embora admita uma interpretação de “*accomplishment*”, favorece uma interpretação de actividade, para utilizar as expressões clássicas de Vendler 67. Por sua vez, a variante com preposição com só admite um advérbio que expresse medida de tempo e isto porque apenas a interpretação de “*accomplishment*” é possível.

Para Tenny 94, a propriedade destes verbos que permite a alternância depende de certas características semânticas dos argumentos internos. Um dos argumentos deve possuir propriedades materiais e o outro deve ser uma superfície ou um recipiente que pode ser preenchido num determinado tempo.

De acordo com a mesma autora, estes verbos têm em comum o facto de descreverem um evento em que algum material é aplicado ou removido de uma superfície lisa ou de um recipiente (“*container*”). O material é algo que pode ser consumido (por isso, Tenny aproxima esta

noção do papel de “Tema incremental”); por sua vez, a chamada “localização” é algo que pode conter ou ser preenchido pelo material (Tenny aproxima-o do papel temático de Meta, pp.49-51). Por isso, Tenny considera que os dois argumentos destes verbos são capazes de “medir” o evento: aquilo que designa o material é consumido no tempo em que decorre o evento e aquilo que designa o recipiente (“*container*”) ou a sua superfície fica preenchido durante um certo tempo. Logo, a alternância é possível porque o verbo tem dois argumentos que podem medir o evento de maneiras diferentes (Tenny 94, p. 52).

Por isso, as restrições sobre a alternância locativa parecem ser semânticas, no sentido em que é o nosso conhecimento gramatical que fornece a ideia de medida e, por outro lado, o conhecimento pragmático actua na medida em que é ele que nos indica que tipo de eventos podem ser medidos mutuamente (Tenny, p.53). Repare-se, a este propósito, que verbos com significado lexical próximo de *borrifar*, como sejam *deitar* e *derramar* não permitem a alternância locativa. Vejam-se os exemplos (8) e (9):

- (8) a. O João deitou água na roupa
- b. *O João deitou roupa com/de água.
- (9) a. O João derramou água na roupa.
- b. *O João derramou a roupa com/de água.

4. Proposta de análise

O comportamento acima ilustrado sugere que cada verbo que permite a alternância sintáctica é um único verbo, com a mesma estrutura argumental num nível muito abstracto, que depois é projectada de maneira distinta na Sintaxe, dando origem à alternância de argumentos.

Que tratamento sintáctico-semântico será mais adequado para captar as propriedades apresentadas?

Suponhamos um tratamento destes verbos em termos de papéis temáticos; no que respeita aos argumentos internos, uma hipótese seria considerar que em ambas as variantes temos um Tema e uma Meta (“Goal”), como em (10):

- (10) carregar: agente< tema, meta>

Este tipo de abordagem não explica o facto de o argumento com o papel de Tema na variante locativa ser o objecto da preposição *com* na variante não locativa; por sua vez, como pode o argumento que é Meta na variante locativa ser Tema do mesmo verbo? (Demonte 91)

Outra hipótese seria considerar papéis temáticos formulados de modo mais abstracto, como os de locatum ou objecto localizado e o de localização; e assim teríamos as grelhas indicadas em (11) e (12) (Levin & Rappaport 91):

(11) *carregar*₁: agente < locatum, localização>

(12) *carregar*₂: agente < localização, locatum>

Embora superior a (10) esta análise continua a não dar conta da alternância. Como tem sido referido na literatura, um tratamento destes verbos em termos de papéis temáticos é manifestamente insuficiente (Rappaport & Levin 88, Hale & Keyser 93, etc.).

Vamos partir da ideia segundo a qual as entradas lexicais dos verbos devem conter dois tipos de informações. Uma informação do número de argumentos - a estrutura argumental (estrutura de predicados-argumentos ou representação lexical sintáctica) e uma informação das estruturas lexicais conceptuais ou representação lexical conceptual (ou semântica).

No que diz respeito à estrutura argumental, adoptaremos uma representação com base em variáveis (x,y,z). É tema de discussão saber se tal representação é ordenada ou não ordenada. Em Williams 81, há identificação do argumento externo e dos argumentos internos, o que é indicado pelos parêntesis < > como nas representações apresentadas em (11) e (12). Nesta perspectiva, estando o argumento externo fora desses parêntesis, marca-se desde logo o seu estatuto externo a SV. Quanto aos argumentos internos e no que concerne aos verbos de alternância locativa pensamos que eles não devem estar ordenados, indicando indistintamente o objecto localizado ou locatum e a localização. Assim, teremos para *carregar* a representação em (13a):

(13) a. *carregar*: x <y,z>

que pode ter ainda uma variante com um lugar de evento como é sugerido em Higginbotham 85 e como está indicado em (13b):

(13) b. *carregar*: e, x <y,z>

A esta estrutura argumental estão associadas duas entradas lexicais conceptuais, que apresentamos em (14) partindo de Rappaport & Levin 88:

(14)a. CARREGAR: [x causar [y ficar em z] / *carregar*]

b. CARREGAR:[x causar [z ficar num ESTADO]] por meio de [x causar [y ficar em z] / *carregar*]

Enquanto (14a) descreve carregar como um V causativo de deslocação, (12b) indica que, por meio da deslocação, há uma mudança de estado, o que vai ao encontro das considerações sobre os valores preferenciais de actividade e de “accomplishment” que tínhamos visto a propósito de (6) e (7).

Para Levin & Rappaport, a projecção em Sintaxe das informações lexicais é assegurada por meio de Regras de “Linking” (associação ou conectividade) do tipo de (15) e que já foram referidas na comunicação anterior:

(15) a. “Regra de associação da causa imediata: o argumento de um V que denota a causa imediata do evento descrito por esse V é o seu argumento externo.”

b. “Regra de associação de mudança directa: O argumento de um V que corresponde à entidade que sofre a mudança descrita por esse V é o seu argumento interno directo” (Levin & Rappaport 95, pp. 135 e 146)²

Olhando para a estrutura lexical conceptual proposta em (14a), é o argumento que indica a causa que é seleccionado para sujeito; em b, há duas possibilidades de escolha de objecto directo: o argumento que é deslocado (representado como Y) ou do argumento que é sujeito a uma mudança de estado (representado como z).

Repare-se que nas regras acima apresentadas não há referência à regra de associação que dá conta da projecção do Sprep. No artigo em que as autoras fazem referência a papéis temáticos, propõe-se o seguinte: “Ligar os restantes papéis temáticos a um argumento indirecto argumental, associado a uma preposição adequada.” Num tratamento sem papéis temáticos, a formulação desta regra de associação é discutível. Mas a referência à projecção na Sintaxe do argumento que resta, através de uma preposição adequada, é fundamental. Suponhamos que a entrada lexical das preposições tem também a indicação de um argumento seleccionado e da estrutura conceptual respectiva: *em* é uma preposição locativa, daí ser a preposição adequada para ser inserida na estrutura sintáctica correspondente a verbos de localização em geral; *com* e *de*, num dos seus valores, tem uma estrutura conceptual ligada a Locatum. Nestas condições as

2 Optámos pela formulação destas regras tal como elas são apresentadas no livro das autoras de 95 porque é superior à formulação presente no artigo de 88, uma vez que aqui se fazia referência a papéis temáticos de Agente, Locativo, etc.

preposições podem ser inseridas de forma a regerem o argumento “indirecto”, o que não estava contemplado nas regras apresentadas em (15 a.) e (15 b.).

5. Conclusão

Em síntese, interessou-nos aqui destacar as propriedades semânticas mais importantes deste tipo de VS, assim como a projecção em Sintaxe dos argumentos. Na análise aqui apresentada o verbo que permite a alternância locativa é um único verbo, com a mesma estrutura argumental num nível muito abstracto, estando-lhe, no entanto, associadas duas estruturas conceptuais, que dão conta do significado lexical .

Da análise destes verbos podem extrair-se várias conclusões gerais: uma delas é a de que eles comprovam a ideia de que o significado dos predicados desempenha um papel importante na expressão sintáctica dos argumentos. Por este motivo se justificará cada vez mais o recurso a teorias que contemplem a componente lexical.

Outra conclusão é a de que as noções de espaço se articulam aqui com as noções de aspecto; a expressão do espaço e da estrutura temporal dos eventos encontra-se, nestes verbos, intimamente associada.

BIBLIOGRAFIA

BORER, H. (1995) – “Passive without theta grids”, com. apresentada na *International Conference of Interfaces in Linguistics* (não. Publ.)

BORER, H. (1997) – “Functional Projections: At The Interface os Acquisition, Morphology and Syntax”, in MATOS, G.; MIGUEL, M.; DUARTE, I. FARIA, I (eds.) , *Interfaces in Linguistic Theory*, Associação Portuguesa de Linguística, Edições Colibri, Lisboa, pp. 1-37.

CHOMSKY, N. (1986) – *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*, Nova Iorque, Praeger Publishers; trad. port. de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves, Lisboa, Ed. Caminho, 1994.

DUARTE, I. (1997) – “Verbos causativos de alternância locativa”, com. apresentada no I Simpósio de Estudos Linguísticos e Literários, Mesa Redonda *Abordagens Cognitivistas do Léxico*. Univ. Federal de Juiz de Fora (no prelo).

DUARTE, I; BRITO, A.M. (1995) – “Objecto de Estudo da Sintaxe”, in Faria, I; Pedro, E.; Duarte, I.; Gouveia, C., *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Caminho, Lisboa.

HALE, K. & KEYSER, S. – “On argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations”, in HALE, K. & KEYSER, S. (orgs) – *The view from Building 20*, Essays in Linguistics in Honour of Sylvian Bromberger, Cambridge, Mass., The MIT Press, pp.53-109.

JACKENDOFF, J. (1985) – “On Semantics”, In *Linguistic Inquiry*, 16, 4, pp. 547-593.

JACKENDOFF, J. (1990) – *Semantic Structures*, Cambridge, Mass., The Mit Press.

LARSON, R. (1990) – “Double Object Revisited: Reply to Jackendoff”, in *Linguistic Inquiry*, 21, 4, pp. 589-632.

LEVIN, B. e RAPPAPORT Hovav, M. (1991) – “Wiping the slate clean: A lexical semantic exploration” in Levin e Pinker (eds.), *Lexical and Conceptual Semantics*, Elsevier, Amsterdam, Blackwell, Oxford, pp.124-151.

MOENS, M. (1987) – *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Diss. De Doutoramento, Univ. de Edinburgo.

OLIVEIRA, F. (1992) – “Algumas questões sobre Tempo e Aspecto”, in *Cadernos de Semântica*, projecto JNICT, Faculdade de Letras de Lisboa.

RAPOSO, P. (1992) – *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, Coleção Universitária, Série Linguística, Editorial Caminho, Lisboa.

RAPPAPORT, M. e LEVIN, B. (1988) – “What to do with theta-roles?”, in *Syntax and Semantics*, Thematic Relations, edited by Wendy Williams, vol.21, Academic Press, Inc. San Diego, pp. 7-36.

RIGAU, G. (1989) – “Preposiciones que afectan la interpretación del predicado en las lenguas románicas”, in *Actas do V Encontro da A.P.L.*, Lisboa, 1990, pp. 305-320.

TENNY, C. (1994) –, *Aspectual roles and the Syntax-Semantics Interface*, Kluwer, Academic Publishers Dordrecht.

VENDLER, Z. (1967) – *Linguistics and Philosophy*, London, Cornell University Press, pp. 97-121.